

ANO IV • Nº10 • PUBLICAÇÃO PERIÓDICA • OUTUBRO 1999



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

1995-1999

1

PROJECTO
ASSOCIAÇÃO
SEDE



Um privilégio

para 3000 membros

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve**;
- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata**:

Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)

Forte de S. João (Albufeira)

Hotel Sol e Mar (Albufeira)

Hotel Suíço-Atlântico (Lisboa)

Aparthotel Auramar (Albufeira)

Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)

Hotel Mar à vista (Albufeira)

Hotel Dom Fernando (Évora)

Oleandro Country Club (Albufeira)

Hotel São João (Funchal)

Residencial Vila Recife (Albufeira)

- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Usufruir de condições especiais na Estalagem da Quinta de Santo António em Elvas.
- Acesso às consultas do Hospital de Marinha, a todos os associados da AORN, conjuges, ascendentes e descendentes que integrem o respectivo agregado familiar.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).



Quem te sagrou, criou-te português
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Fernando Pessoa, in "Mensagem"



Editorial



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

*Publicação Periódica da Associação
dos Oficiais da Reserva Naval
Nº10 • Ano IV
Outubro de 1999*

Administração e Redacção

Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300 Lisboa

Telefs.: 21 362 68 40 / 21 362 68 39 (Fax)

Impressão e acabamento

M. LEMA SANTOS - Comunicação Gráfica, Lda.
Casal do Barota, Lote 65 - Loja dta.
Massamá Norte - 2745 Queluz

Tiragem

3000 exemplares



No dia 14 de Julho passado, a bordo da Fragata D. Fernando II e Glória, no acto de assinatura do Protocolo entre a Marinha e a AORN que nesta Revista se relata pormenorizadamente, o *Almirante* Nuno Gonçalo Vieira Matias, Chefe do Estado Maior da Armada, terminou a sua intervenção com as seguintes palavras:

“Nesta atmosfera naval, em que o peso das tradições e a memória dos navegadores do passado fazem apelo ao sentido da responsabilidade dos marinheiros da actual geração e reforçam o nosso espírito de corpo, é com a maior satisfação que expresso à AORN a gratidão da Marinha pela notável iniciativa que se propôs levar a cabo.

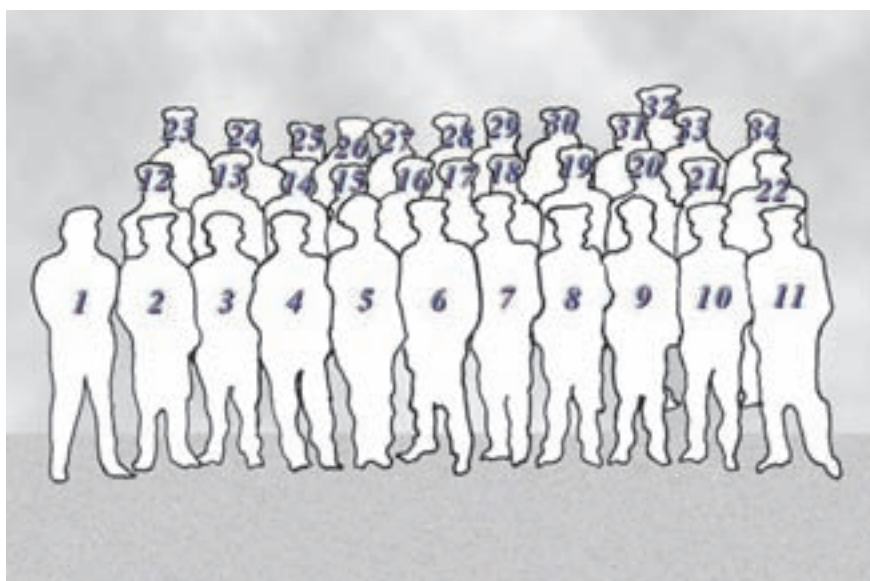
Formulo votos sinceros para que a AORN alcance as metas que tem definidas, realizando os seus elevados fins estatutários, conferindo a desejada perenidade ao seu projecto e fazendo crescer a família naval que, conjuntamente, continuará a prestigiar a Marinha de Portugal.”

Aos votos formulados pelo Almirante CEMA, correspondeu a AORN com a alteração dos seus Estatutos e a abertura da Associação aos descendentes dos Oficiais da Reserva Naval, alargando deste modo o seu universo aos jovens seus familiares que sintam a atracção pelo Mar.

Cabe a cada um de nós dar algum contributo para que à adesão verificada entre os Pais, corresponda um manifesto interesse dos Filhos.

A Comissão de Redacção

O 6º CEORN



6º CEORN Classe de Marinha

- 1- Domingos Gaspar
- 2- Rogério Carneiro
- 3- Manuel Rafael
- 4- João Mateus
- 5- J. Esteves Pinto
- 6- Leão Rodrigues
- 7- P. Moraes Leitão
- 8- A. Liz Dias
- 9- J. Inácio Lourenço
- 10- A. Almeida Mendes
- 11- M. Sá Couto
- 12- M. Sousa Ramos
- 13- V. Cabrita da Silva
- 14- J. Costa Reis
- 15- A. Branco da Silva
- 16- A. Caro Quintiliano
- 17- L. Vilela de Matos
- 18- J. Faria de Almeida
- 19- M. Rosário Machado
- 20- M. Pires de Campos
- 21- F. Baptista Pereira
- 22- A. Oliveira Vera-Cruz
- 23- J. Jardim Fernandes
- 24- J. Costa Monteiro
- 25- J. Andrade dos Santos
- 26- J. Oliveira Baptista
- 27- J. Sousa Patrício
- 28- J. Pereira Brito
- 29- L. Almeida Moreira
- 30- A. Fernando Cláudio
- 31- M. Ruivo Figueiredo
- 32- J. Sousa Eiró
- 33- Heitor Ferreira
- 34- A. Cristino da Costa

A listados em 26 de Julho de 1963, os 66 Cadetes do 6º CEORN formaram o mais numeroso curso de Oficiais da Reserva Naval incorporado até à data; eram 34 da classe de Marinha, 2 de Saúde Naval, 4 Engenheiros de Máquinas, 8 de Administração e 18 Fuzileiros.

Comandava a Escola Naval o *Comodoro* António Morgado Belo, sendo Director de Instrução o *Cap. Ten.* António Seixas Louçã.

Como Patrono do curso, o navegador Miguel Corte Real (1450-1501), considerado o descobridor da Terra Nova, tendo atingido igualmente o Canadá em 1500. Desapareceu em nova viagem empreendida no ano de 1501.

Entretanto, o *Almirante* Armando Júlio de Roboredo e Silva assumia a Chefia do Estado Maior da Armada, em substituição do *Almirante* Joaquim de Sousa Uva e a Marinha aumentava ao seu efectivo o petroleiro S. Gabriel, construído nos estaleiros de Viana do Castelo.

Este curso foi o primeiro ao qual se aplicou o despacho que determinava “que os



Contra-almirante António Morgado Belo



Cadetes no Bartolomeu Dias, com o 1º Ten. Luis Bacharel, um dos oficiais do navio



Rui Figueiredo, Leão Rodrigues, Cristino da Costa e Sá Couto, com o Comandante da LFG "Hidra", 1º Ten. Isaias Gomes Teixeira

cadetes RN seriam licenciados depois de cumprirem dois anos de serviço efectivo na Armada, após promoção de Aspirante a Oficial".

Correspondia esta norma à legalização de uma situação que na prática já se verificava, desde que se iniciou, em 1961, a mobilização para África de uma forma contínua.

Embarcados no Aviso "Bartolomeu Dias", sob o comando do CMG Francisco Ferrer Caeiro, o navio tocou Bissau, Mindelo, Ponta Delgada, Funchal e Lagos, numa viagem de instrução pela primeira vez não realizada em Fragatas.

A O.D.S.P. de 1-5-64 publicava a atribuição do **Prémio Reserva Naval**, concedido anualmente ao aluno mais classificado dos Cursos

Especiais de Oficiais da Reserva Naval. Neste curso, o premiado foi o *Cadete de Administração Naval RN*, Rui Eduardo Rodrigues Pena.

Após a cerimónia do Juramento de Bandeira a 23 de Abril, presidida pelo Ministro da Marinha, Almirante Fernando Quintanilha Mendonça Dias, seguiu-se o destacamento para as várias Unidades e Serviços e de forma regular, a nomeação para comissões no Ultramar.

O aumento ao efectivo dos navios da Armada de mais 4 Lanchas da classe "Argos", construídas no Arsenal do Alfeite, fez destacar para a Guiné, para exercerem funções de Oficiais Imediatos das LFG's "Cassiopeia", "Hidra", "Lira" e "Orion", respectivamente, Jorge Jardim Fernandes, Augusto Cristino da



Rui Pena



Jorge Jardim Fernandes



Augusto Cristino da Costa



Amadeu Leão Rodrigues



Virgílio Cabrita da Silva



Oliveira Vera-Cruz



Armando Marçal Correia



Mário Sá Couto



Fernando Baptista Pereira



António de Almeida Mendes



Luís Vilela de Matos



Henrique Ribeiro Rocha

Costa, Amadeu Leão Rodrigues e Virgílio Cabrita da Silva. Também as *LFP's* “*Bellatrix*”, “*Canopus*” e “*Deneb*”, ainda na Guiné, conheceram novos Comandantes. Foram eles, Oliveira Vera-Cruz, Ruivo Figueiredo e Mário Sá Couto.

Para Angola seguiram Fernando Baptista Pereira, assumindo o comando do *NRP* “*Fomalhaut*”, enquanto António de Almeida Mendes exercia igual cargo no *NRP* “*Algol*”.

Os Destacamentos e as Companhias de Fuzileiros absorveram igualmente muitos componentes deste curso.

Assim, foram nomeados para a Companhia nº 5 de Fuzileiros, Luís Vilela de Matos, Henrique Ribeiro Rocha, João Lopes Moreira e José Oliveira Baptista, destacados em Angola.

Para Moçambique, integrados na Companhia nº 6 de Fuzileiros, seguiram Armando Marçal Corrêa, Francisco Santa Rita Colaço,



6º CEORN

Classe de Fuzileiros

1- *H. Faria dos Santos*
2- *F. Santa-Rita Colaço*
3- *H. Sant'Ana*
4- *H. Ribeiro Rocha*

5- *H. Melo Barreiros*
6- *A. Sales Grade*
7- *J. Costa Xavier*
8- *A. Marçal Corrêa*

9- *J. Lopes Moreira*
10- *A. Pereira Jardim*
11- *J. Pato François*
12- *J. Medeiros de Almeida*

13- *P. Ludovice da Paixão*
14- *J. Andrade Mota*
15- *C. Lopes Marques*
16- *A. Maia Rodrigues*



João Lopes Moreira



José Oliveira Baptista



Francisco Santa-Rita Colaço



António Liz Dias



Armando Branco da Silva



José da Costa Reis



Carlos Alberto Picado Horta



José António Benito Garcia



6º CEORN

Administração Naval

- 1- J. António Rodrigues Benito Garcia
- 2- J. Merêa Pizarro Beleza
- 3- A. José Avelãs Nunes
- 4- E. Fialho Borralho
- 5- C. Alberto Picado Horta
- 6- A. Miguel Joaquim Dias Fernandes
- 7- R. Eduardo Ferreira Rodrigues Pena
- 8- A. Monteiro Homem de Melo

Agostinho Quintiliano e Joaquim Esteves Pinto, enquanto António Liz Dias assumia o comando do *NRP “Castor”*, o primeiro navio a navegar no Lago Niassa.

E ainda na Guiné, prestaram serviço Armando Branco da Silva, José da Costa Reis, Carlos Picado Horta e José Benito Garcia, estes dois últimos da classe de Administração Naval.

Entretanto, o médico Luciano Pinto Ravara realizava prolongado embarque no Navio Hidrográfico “João de Lisboa”, sob o comando do Cap. Ten. José Emílio Cabido de Ataíde, ultrapassando as 1300 horas de navegação.

Ao longo de 1966 iniciou-se o licenciamento dos oficiais deste curso, tendo ingressado no Quadro Permanente, João da Costa

Xavier, na classe de Fuzileiros e José Medeiros de Almeida, na classe de Serviço Especial/Ramo de Educação Física.

Passados que são trinta e seis anos desde a data da sua incorporação, a recordação do 6º CEORN neste número é o contributo da Revista da AORN para o livro de memórias de um curso que se reúne, desde a sua formação, com frequência bianual, tendo realizado, entre outros, encontros em Madrid e no Funchal.

Nesses encontros, a lembrança dos que não podem já comparecer é sempre assinalada com a saudade devida a quem faz muita falta. À voz de chamada, a sua presença será sempre registada.

Manuel Ruivo Figueiredo e José Benito Garcia
6º CEORN



1992 - Encontro em Madrid

Sousa Ramos, Joaquim Patrício e Cristino da Costa



1998 - Encontro em Vila Boim – Heitor Ferreira, Liz Dias, Chaves e Melo, Luis Moreira, Santa Rita, Ruivo Figueiredo, Vilela de Matos, Benito Garcia, José Lourenço, Manuel Madeira e Alves Mateus (em 1º plano)

VICE-ALMIRANTE FRANCISCO FERRER CAEIRO



BIOGRAFIA

Data de nascimento: 22-10-1910

Filiação: Agostinho Felício Pereira Caeiro e D^a. Beatriz Augusto Cutileiro

Natural de S. Pedro - Évora

Casou em 28-3-1936 com D. Carmem Cesariny de Vasconcelos

Descendência: Pedro, nascido a 18-3-1937 - Contra-Almirante

José Manuel, nascido a 15-1-1939 - Engenheiro Químico

Promoções:

Asp. 1-10-1929; GM. 1-9-1932; 2º Ten. 1-3-1934; 1º Ten. 1-3-1940; Cap. Ten. 1-1-1953;

Cap Frag - 1-1-1955; CMG 20-2-1958; Comodoro 10-12-1965; C/ Alm. 11-6-1968 (Vice-Almirante)

Comissões no Mar:

Cruzador Vasco da Gama - 1929; NH Cinco de Outubro - 1930 e 1932; Contra Torpedeiro Tâmega - 1930 e 1932; Canhoneira Raul Cascais - 1930, 1931 e 1932; Rebocador Lidador - 1930; Cruzador Vasco da Gama - 1931; NE Sagres - 1931, 1933 e 1934; Canhoneira Limpopo - 1931; Fragata D. Fernando II e Glória - 1932; Torpedeiro Sado - 1932 e 1934; Canhoneira Diu - 1932; Canhoneira Damão - 1933; Aviso Carvalho Araújo - 1934; NH Beira - 1937 e 1938; Aviso João de Lisboa - 1947; C/T Tejo - 1950; C/T Douro - 1950; C/T Vouga 1950; FF Diogo Cão - 1961; FF Corte

Real - 1961; N/T Niassa - 1963 (Capitão de Bandeira); Aviso Bartolomeu Dias - de 9-3-1964 a 11-8-1964 (Comandante); L/F Escorpião - 1964; L/F Cassiopeia - 1964; L/F Deneb - 1964; FF Nuno Tristão - 1965; L/F Hidra - 1965; Sub Narval - 1968; NRP Roberto Ivens - 1970; NRP Honório Barreto - 1971; NRP Santa Cruz - 1972.

Condecorações:

Medalha militar de prata de valor militar com palma **MMp/vm c/p**; Medalha militar de prata de serviços distintos **MMp/sd**; Medalha militar de mérito militar de 1ª classe **MM/mm 1.º cl**; Medalha militar de mérito militar de 2ª classe (duas) **2MM/mm 2.º cl**; Ordem militar de Avis (Grã-Cruz); Ordem militar do Infante D. Henrique (comendador); Medalha militar de ouro de comportamento exemplar **MMo/ce**; Legião de Mérito da América do Norte (oficial) **of. OLMA**; Ordem de Leopoldo I da Bélgica (grande oficial) **g. of. OLIB**; Ordem de Mérito Naval do Brasil (comendador) **com. OMNB**; Ordem de Mérito Aeronáutico de Espanha (distintivo branco); **Cr. OMAE d. br.**; Ordem de Mérito Naval de Espanha (distintivo branco) **Cr. OMNE d. br.**; Medalha comemorativa das campanhas das Forças Armadas (Guiné) **MC/C-G**; Medalha naval de ouro comemorativa do V centenário da morte do Infante D. Henrique **MCo/IDH**; Ordem de Mérito Naval do Brasil (grande oficial) **g. of. OMNB**; Medalha Naval de Vasco da Gama **MNVG**; Medalha Militar de Ouro de Serviços Distintos **MMo/sd**.

Outras datas:

21/03/35 Começou a frequentar o curso de piloto da Escola Gago Coutinho em Aveiro

27/03/35 Passagem à Aviação Naval

05/03/36 Considerado especializado como piloto aviador militar e de hidroaviões

23/06/50 Concluiu o Curso Geral Naval de Guerra (**CGNG**).

10/03/58 Assume o cargo de 1º Comandante da BA nº 6

31/12/58 Regresso à Armada por não desejar transitar para o quadro de pilotos aviadores

20/05/60 Exonerado do cargo de 1º Cte da BA nº 6

De 9-3-1964 a 11-8-1964 foi **comandante do Aviso Bartolomeu Dias** (recebeu do **cmg** Carlos Alberto Teixeira da Silva e entregou ao **cmg** Luís Bogarim Correia Guedes)

De 26-9-1964 a 22-9-1967 - Chefe da Repartição dos Serviços de Marinha e Comandante da Defesa Marítima da Guiné (rendeu o CF Manuel Lopes de Mendonça)

De 8-11-1967 - Sub-Chefe do estado Maior da Armada

De 25-7-1968 a 6-6-1973 - Comandante Naval do Continente (entregou ao c/ **almirante** Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva)

De 8-11-1968 a 4-5-1970 - Comandante da Base Naval de Lisboa (em acumulação).

De 31-10-1973 a 19-3-1975 - Chefe de Missão Militar na Nato, em Bruxelas

Em 4-4-1979 - Presidente da Comissão do Domínio Público Marítimo

Em 30-1-1980 - Passagem à situação de Reforma

À MARGEM DA ENTREVISTA

Em mais um dia no Ministério, pela manhã, o Almirante chamou-me ao gabinete.

Ao entrar cumprimentei-o:

Bom dia Sr. Almirante!

Bom dia Lema! Olhe, tenho aqui um problema para resolver. Sabe, nós por vezes (sorriu) também erramos; estacionei irregularmente e tenho aqui o talão da multa para liquidação; gostava que me fizesse o favor de ir à esquadra efectuar o pagamento.

Enquanto dizia isto, tirou uma nota da carteira, meteu-a dentro de um envelope juntamente com o talão da multa e entregou-me tudo.

Ainda tentei vislumbrar qualquer sinal de rota a seguir e pensei formular uma pergunta, mas o cenho franzido e a distância histórica que medeava entre o Adamastor e o Homem do Leme fez-me desistir; que, apesar de tudo ainda pensava ser capaz de dar a “volta” a um assunto tão complicado! Ora esta! O Almirante a pedir-me para pagar a multa!

Na dúvida, fardei-me, coloquei os cordões de ajudante, liguei para o motorista e fiz-me ao caminho.

Pensativo, percorri em passo estugado o longo corredor do Ministério, desci a escada de acesso à Praça do Comércio,

entrei no carro, indiquei ao motorista ao que íamos e já no caminho para a dita esquadra ia vociferando com os meus botões, cada vez mais amarelos!

Tenho de arranjar uma estratégia para me furtar à alhada em que estou metido! Eu e obviamente, o oficial superior responsável pela esquadra...

Se tenho a veleidade de chegar ao pé de um militar que se preze e dizer-lhe, assim a frio, que venho liquidar a multa, a mando do Almirante Comandante Naval do Continente, o mínimo que me poderia suceder com toda a justificação era ser “arrecadado” o resto do dia, não fosse eu ter a pretensão de repetir uma façanha deste tipo com outro qualquer militar com algum sentido de hierarquia.

Ao chegar, o motorista estacionou “discretamente” o carro em cima do passeio; depois de me identificar devidamente na portaria, indaguei pelo oficial responsável por quem fui recebido e a quem expus a minha angústia:

“Não haverá maneira de resolver o problema?”

“– Só um minuto, Sr. Tenente”. Foi lá dentro, regressou após um curto espaço de tempo e disse-me: “– Diga ao Sr. Almirante que está tudo resolvido!”.

Agradei e retirei-me.

Regressado ao Comando Naval, fui ter com o Almirante comunicando-lhe o resultado das minhas diligências e devolvendo-lhe simultaneamente a quantia entregue.

“– Então Lema, você não pagou a multa?”

“– Não, Sr. Almirante. Não foi necessário recorrer a esse processo!”

O Almirante franziu o cenho, como de resto lhe era comum, ficou a olhar para mim e rematou: “– Não foi propriamente a forma que mais me agradou!”

Com a irreverência que me caracteriza ainda hoje e a convicção de ser parente, ainda que muito afastado, do homem do leme, retorqui-lhe: “– Não faz mal Sr. Almirante, pode ser que haja uma próxima vez e na oportunidade procederei de acordo com as instruções do Sr. Almirante...”

Percorreu-me um arrepio e tenho ideia de que os meus cordões de ajudante também tremeram!

O Almirante franziu perigosamente o cenho, crispou o perfil austero por uma fracção de segundo, fixou-me com um olhar penetrante... mas despregou-se a rir.

Quando me retirei ainda sorria.

ENTREVISTA COM O VICE-ALMIRANTE FRANCISCO FERRER CAEIRO

Por duas vezes, foi-me dada a honra de servir sob o seu Comando: a primeira em 66/67 enquanto Comandante da Defesa Marítima da Guiné, desempenhava eu as funções de Oficial Imediato no NRP “ORION”, unidade atribuída àquele Comando; a segunda, de 68/70 enquanto Comandante Naval do Continente e da Base Naval do Alfeite, na sua directa dependência, como oficial ajudante de ordens. Passados largos anos, conservo ainda na memória a imagem de uma personalidade tão simples e



...“O que aqueles rapazes foram na Guiné não tem paralelo”...

humana quanto determinada e imprevisível, embora de controverso perfil; também algumas histórias de caserna inesquecíveis a que atletismo e humor militar com estrelas se aliaram sempre.

Foi com esta recordação que, a 22 de Junho passado, o fomos procurar na sua residência e onde amavelmente se prontificou a responder às nossas questões:

AORN - Como analisa o percurso comum efectuado com a Reserva Naval entre 1957 (ano de fundação) e 1980, quer do

ponto de vista de estratégia quer do ponto de vista de integração?

A.F.C. - É muito simples. As impressões que colhi nessa altura são as que prevalecem actualmente.

Nos oficiais RN com quem lidei em variadíssimas situações, desde o comportamento em combate até à postura nos salões da diplomacia que a Marinha se orgulha de pisar o melhor que pode e sabe, encontrei sempre a melhor resposta que poderia obter.

Julgando estar a interpretar a verdade dos factos que tão importante é para mim, e tendo em conta a fama de “mau” que granjeei, arrisco afirmar que os oficiais RN que comigo conviveram e serviram, não colheram essa impressão da minha pessoa.

Sempre me dei muitíssimo bem com esses rapazes.

Nunca me divorciei da juventude, até porque nessa altura estava bem próxima da minha própria juventude; através de um dos meus filhos, senti a crise académica, a confusão, o descontentamento.

Servindo o País como eu servi, considerei sempre como componentes do dever militar a disciplina e o sentido de justiça, procurando, em cada situação, distinguir o trigo do joio. Foi necessário articular esses conceitos garantindo que o País, em guerra, prosseguia o seu caminho com dignidade.



Num momento de recolhimento e concentração

Foi com este sentimento que recebi a entrada dos Oficiais da Reserva Naval.

AORN - Como avaliaria, para ambas as partes, a integração na Marinha de Guerra Portuguesa de um universo de quase 3.000 oficiais da Reserva Naval, oriundos de todas as áreas profissionais que, ao longo de quase 40 anos, desfilaram pelo quadro dos Oficiais da Armada?

A.F.C. - Bem depressa me apercebi que os oficiais RN se enquadravam totalmente nos objectivos que prossegui no desempenho das minhas funções. Entendíamos-nos perfeitamente e, as pequenas discrepâncias que existiram resultaram tão somente de diferenças de personalidade normais no convívio entre seres humanos. Esses rapazes eram

praticamente da geração dos meus filhos, com pouca diferença. Comportaram-se sempre com a Marinha de Guerra de uma maneira digna, ao contrário talvez daquilo que ouvia comentar a camaradas meus do Exército e da Força Aérea. Eram e sempre foram uns tipos “pacholas”.

Tudo isso se elevou a um nível extraordinário de grande admiração, de grande consideração durante a guerra (do Ultramar) na Guiné. O que aqueles rapazes foram na Guiné não tem paralelo: houve uma dedicação total e levaria talvez algum tempo a espalhar aquilo que passámos juntos e que não cabe aqui relatar. Os rapazes dos Fuzileiros então foram mesmo meus filhos.

AORN - Permite-me recordar-lhe o episódio atrás relatado sob o título “À margem da entrevista” e comentá-lo?

A.F.C. - Está a contar factos que induzem demonstrar que eu não era, afinal, “a fera” que se dizia. Era bem diferente disso. A selecção desses factos mostra, só por si, o propósito que os trouxe hoje até mim e o dever de lhes estar muito agradecido porque através de provas dessa natureza é que se consegue demonstrar que, muitas vezes, conclusões transcendentais devem ser tiradas de factos aparentemente simples.

Só por isso, faço questão de lhes mostrar a minha gratidão.

Não quero com isto dizer que todos os factos da minha vida sejam assim tão aleatórios quanto esses; como toda a gente,



No “salote” de recordações, um desfile interminável!

tenho pecados que lastimo. Lastimo mas não os renego com a facilidade que normalmente temos em renegar as asneiras que cometemos; é melhor assimilarmos as asneiras como asneiras que foram porque, como alguém dizia, essas asneiras “falaram a tempo” e vieram trazer elementos para uma justiça que nós próprios desejamos.

AORN - Numa carreira militar com uma vertente invulgar na Aviação Naval somando, para lá de outros aspectos, 3412 horas de voo, pode transmitir-nos algo dessa experiência?

A.F.C. - A dificuldade é responder em extensão aceitável. Isso representa na minha vida algo que só não considero a mais importante faceta dessa mesma vida porque tenho que pôr, acima de tudo, a minha família e, sobretudo, a minha mulher. Acho que não consigo compreender a minha vida desligada desses elementos. Também não posso dizer que esses factos foram os mais importantes por que tenho medo de estar a cometer uma injustiça para com a Marinha de Guerra. Antes de ser aviador quis ser marinheiro! Depois de ser marinheiro, fui aviador! Com muita vocação, muito entusiasmo mas não quero estabelecer comparações: é quase como perguntarem-me de qual dos meus dois filhos eu gosto mais. É impossível responder!



9/3/1964

O Cmg Francisco Ferrer Caeiro assume o comando do NRP “Bartolomeu Dias” que lhe foi entregue pelo Cmg Carlos Alberto Teixeira da Silva



1935 - Aveiro - “Escola Gago Coutinho”

José Casimiro Alcobia Freitas Ribeiro (2º Ten AV), Manuel Antunes Cardoso Barata (2º Ten AV), Alberto Henrique Ferreira Bastos da Costa e Silva (2º Ten AV), Francisco Ferrer Caeiro (2º Ten AV) e Henrique Owen Pinto de Barros da Costa Pessoa (2º Ten AV)

A Aviação e a Marinha são as minhas mães: a aviação, com aspectos muito particulares, teve para mim algo que me prendeu de uma forma muito especial, tendo de confessar, com tristeza e até com receio, poder estar a atraiçoar o que, na minha vida, foi sempre mais importante.

A Marinha foi sempre uma cadela para a Aviação Naval! Desculpe o desabafo mas trata-se da vontade de ser exacto, correcto e justo. Elas foram sempre irmãs e continuam a sê-lo, mas essas duas mães que tive nunca se entenderam e a Marinha tratou sempre com profunda injustiça a Aviação Naval.

Como dizia o Sacadura Cabral “a Marinha não gosta de gostar!” nem da sua própria irmã que era a Aviação Naval. Esta é a explicação mais benevolente que posso encontrar porque, na verdade e infelizmente, o meu mau fundo diz-me que a origem foi outra: a Aviação Naval ganhava mais uns tostões que não eram nada, comparados com o facto de 25,6% dos pilotos que para lá foram morrerem em desastres de aviação.

AORN - O Museu da AORN é hoje uma realidade em curso, embora ainda com algumas limitações de espaço que não nos permitem expor e conservar devidamente todo o enorme espólio disponível:

documentos, fotografias, equipamentos, artesanato, condecorações, etc.

A AORN veria com todo o empenho aliado ao prestígio que tal traria à nossa Instituição, que o Sr. Almirante estivesse representado no nosso Museu com algo cujo significado mantenha viva a recordação das largas dezenas de oficiais da Reserva Naval que directa ou indirectamente desfilaram pelas Unidades que dirigiu ou comandou.

Podemos deixar esta possibilidade em aberto para consideração do Sr. Almirante?

A.F.C. - Com certeza. Para já a minha motivação é a mais forte e sentimental por aquilo que já lhes disse. A maneira como isso poderá acontecer é que não me ocorre de imediato. Falta-me o engenho e arte para resolver isso já. Tenho receio de que o que eu decida possa ser considerado uma forma de um indivíduo se gabar a ele próprio.

Ao fim ao cabo, ninguém me gaba melhor do que eu!

*Manuel Lema Santos
8º CEORN*



CICLO DE CONFERÊNCIAS NACIONAIS

No dia 10 de Maio deu-se início ao **Ciclo de Conferências Nacionais** promovido pela AORN.

No Palácio da Bolsa do Porto, o Presidente da Assembleia Geral da Associação, **Ernâni Rodrigues Lopes**, proferiu a primeira das conferências sob o título *“Política de Cooperação com os Países Africanos - Passado e Futuro”*. Presentes mais de duzentos assistentes, com larga representação de Oficiais da Marinha de Guerra, Cadetes da Escola Naval, membros de Embaixadas de Países Africanos de Língua Portuguesa e muitos RN's.

Abriu a sessão o Presidente da Associação Comercial do Porto, Virgílio Folhadela Moreira, também ele um ex-Oficial da Reserva Naval que, nessa dupla qualidade, agradeceu a presença de todos e se congratulou pela escolha feita pela AORN de dar início a este ciclo, no ambiente da magnífica Sala Árabe do Palácio da Bolsa.

Ao longo de duas horas, numa brilhante explanação, Ernâni Lopes manteve a assistência vivamente interessada, proporcionando no final um interessante debate.

O **Almirante** Nuno Vieira Matias, Chefe do Estado Maior da Armada fez-se representar pelo **Almirante** Luís Joel Pascoal, Presidente da Comissão Cultural da Marinha que, na mesa de honra, esteve acompanhado pelos Presidentes da Direcção e do

Conselho Fiscal da AORN, respectivamente António Rodrigues Maximiano e Alípio Dias e pelo Presidente da Associação Comercial do Porto, Virgílio Folhadela Moreira. Seguiu-se um jantar nas caves da Real Companhia Velha, com a presença de

mais de cem convidados, nomeadamente o **Almirante** Botelho Leal, Sub-Director do Instituto Superior Naval de Guerra, o **Almirante** Luís Roque Martins, Director da Revista da Armada e o **Almirante** Joaquim Espadinha Galo.



Aspecto geral da assistência



A Mesa de honra



Dois momentos do jantar nas caves da Real Companhia Velha

O MUSEU DA RESERVA NAVAL

Quando a Associação dos Oficiais da Reserva Naval estabeleceu como prioritário dar a conhecer o que foi a História da passagem dos seus membros pela Marinha, existia, no íntimo de cada um, a certeza de que esse projecto iria preencher uma grande lacuna na História da própria Marinha de Guerra Portuguesa.

Sentimos, desde a primeira hora, o reavivar de uma estreita ligação que uniu Oficiais do Quadro Permanente e Reserva Naval durante longos períodos. Difíceis para uns, mais fáceis para outros, mas para todos profundamente marcantes numa etapa da juventude que, naturalmente, nos orienta mesmo inconscientemente, nas constantes decisões da vida.

Quatro anos na existência de uma Associação não são nada. Melhor, não seriam nada se durante este reduzido tempo não tivéssemos testemunhado o alto preço em que a Reserva Naval é tida hoje pelo seu passado, embora, na época, não fizesse parte do nosso imaginário essa situação.

É certo que o tempo das ilusões, para muitos, já lá vai. Seremos porventura, do universo de civis que algum dia vestiu uma farda militar, os únicos que respeitam o seu passado fazendo questão de o divulgar mesmo contra tendências generalizadas de pseudo responsáveis que fazem da falta de vergonha a sua coroa de glória.

E neste trabalho de mostrar aos outros o que foi a História da Marinha desde que a

"Honra-me deixar aqui a minha gratidão para com quem tão significativamente contribuiu para os êxitos que me foram creditados"

*Alm. Francisco Ferrer Caeiro
14 de Julho de 1999*



Reserva Naval nela foi incorporada, está toda a teimosia de quem tentou aprender com grandes Mestres as mais nobres virtudes humanas.

O dia 31 de Agosto de 1999, constituiu para quem teve o privilégio de estar, nesse dia, em casa do **Almirante Francisco Ferrer Caeiro**, dos mais notáveis momentos da ainda curta vida da AORN.

Profundamente ligado à História da Marinha na Guiné, e não apenas entre 1964 e 1967, o Almirante Ferrer Caeiro é figura marcante na História da Reserva Naval, não faltando testemunhos a comprová-lo.

Quando a AORN decidiu entrevistar o Almirante Ferrer Caeiro e publicar o texto respectivo numa das suas Revistas, não imaginávamos que o desfecho desse encontro tomaria a forma de um acto do mais relevante significado para esta Associação.

Foi a AORN honrada com o privilégio de ser a fiel depositária do mais valioso

espólio de um Marinheiro como o Almirante Francisco Ferrer Caeiro - a sua vasta panóplia de Medalhas e Condecorações, conjuntamente com as Asas da Aviação Naval onde permaneceu durante mais de vinte anos.

Brilhante nas palavras que dirigiu à AORN no acto, comovente nos sentimentos que demonstrou e sobretudo corajoso na decisão de deixar sair de sua casa o que certamente constitui o mais sagrado do seu espólio militar - as suas medalhas, o Almirante Ferrer Caeiro foi mais uma vez o Mestre que, fardado ou à paisana, marcou a Reserva Naval com o timbre da frontalidade, da coragem e da amizade.

Não nos cabe fazer juízos sobre as carreiras militares dos Oficiais de Marinha.

Nessa tarefa, outros certamente mais habilitados o farão com todo o rigor.

Sentimo-nos, no entanto, com autoridade para incorporar na História da Reserva Naval a vida do Almirante Francisco Ferrer Caeiro, um notabilíssimo Oficial da Marinha de Guerra Portuguesa, demonstrando que, na segunda metade do século XX, a História da Marinha e a da Reserva Naval são uma e única História.



A expressão máxima de um testemunho que dispensa comentários

O 4º ANIVERSÁRIO DA AORN

O dia 14 de Julho de 1999 constituiu, para a AORN, uma data de viragem na sua curta existência.

Testemunhado por cerca de trezentas pessoas, a Fragata D. Fernando II e Glória foi cenário de um encontro onde, para além do dia festivo comemorado, foi assinado o Protocolo com a Marinha de Guerra para utilização do Torreão Poente

AORN, respectivamente **António Rodrigues Maximiano** e **Alfredo de Lemos Damião**, pela Associação de Oficiais da Reserva Naval, oficializaram o Documento que permitirá relançar o projecto que em 14 de Julho de 1995 os ex-RN, reunidos na Casa da Balança, decidiram iniciar:

“Desde meados do século XVIII tem estado atribuído à Marinha de Guerra

reconhecendo-se como desejável que a sua utilização predominante tenha estreitas ligações à Marinha e a esta pertença a supervisão da sua fruição e conservação.

Existem áreas consideráveis do edifício há muito desactivadas e sem utilização, situação de que, inevitavelmente, resulta uma progressiva deterioração da sua estrutura física e da sua operacionalidade.



O Almirante do Chefe de Estado Maior da Armada cumprimentado por Ernâni Lopes e Rodrigues Maximiano a bordo da Fragata.



A chegada do Vice-Almirante Luís Mota e Silva, Superintendente do Serviço de Material, cumprimentado por Ernâni Lopes.



O Vice-Almirante Carlos Magalhães Queiroz, Director do Instituto Superior Naval de Guerra



O Vice-Almirante José Manuel Castanho Paes, Superintendente do Serviço de Pessoal e Rodrigues Maximiano

do Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria, onde a Associação projecta instalar a sua Sede Nacional e um Museu, perpetuando a Reserva Naval na História da própria Marinha Portuguesa.

O **Almirante Nuno Vieira Matias**, Chefe do Estado Maior da Armada representando a Marinha de Guerra Portuguesa e os Presidente e Vice-Presidente da Direcção da

Portuguesa a utilização, fruição e conservação do notável edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria, sito na rua da Junqueira, freguesia de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

Pela sua excepcional dimensão e características, o Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria permite utilizações múltiplas, diversificadas e autónomas,

A AORN é uma Associação sem fins lucrativos que congrega todos aqueles que, como Oficiais da Reserva Naval, serviram Portugal, integrados na Marinha de Guerra.

A AORN, numa reiterada afirmação de querer continuar uma ligação à Marinha de que se orgulha, manifestou o desejo de instalar, em áreas desactivadas



José Pires de Lima durante a leitura do Protocolo



O Almirante Nuno Vieira Matias proferindo o seu discurso



O Almirante Nuno Vieira Matias e António Rodrigues Maximiano no acto de assinatura do Protocolo



Ernâni Rodrigues Lopes, na sua intervenção na cerimónia

do Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria, a sua Sede Nacional e os seus serviços de apoio à melhor actuação dos seus elevados fins estatutários.

A MARINHA, reconhecendo os elevados serviços prestados pela sua Reserva Naval e atendendo aos valores e fins que a AORN prossegue, viabilizou a celebração de um Protocolo em que esta Associação é autorizada a utilizar, na realização dos seus fins estatutários, o

Torreão Poente do Edifício da Fábrica Nacional da Cordoaria, para nele proceder à instalação e funcionamento da sua Sede Nacional, Zona de Convívio, Biblioteca e Museu.

Os trabalhos de recuperação, manutenção, conservação e benfeitorias são encargo da AORN, que procederá aos trabalhos necessários sob aprovação e fiscalização da Direcção de Infra-Estruturas da Marinha”.

O excerto do texto do Protocolo, reproduzido do original assinado, reporta-se à ocupação de uma área de dois pisos, onde funcionaram as instalações fabris da antiga Alfaiataria e Tinturaria da Fábrica Nacional de Cordoaria, estendendo-se por cerca de 1800 m², sendo o piso térreo destinado totalmente ao Museu da Reserva Naval.

O acto revestiu-se de grande solenidade, com intervenções brilhantes de António



António Rodrigues Maximiano na sua alocução



Após a assinatura, a troca dos documentos entre o Almirante CEMA e o Presidente da Direcção da AORN



Troca de presentes entre António Rodrigues Maximiano e o Cte Adriano Beça Gil



O Comandante Armando Saturnino Monteiro e José Pires de Lima

Rodrigues Maximiano e de **Ernâni Rodrigues Lopes**, salientando o primeiro o significado da cerimónia ter lugar no mais antigo e carismático navio da Marinha de Guerra Portuguesa e do Protocolo se referir à ocupação do Torreão Poente da Fábrica Nacional de Cordoaria, simbolizando o Ponto Cardeal que nos mantém unidos ao Mar.

O Presidente da Assembleia Geral, Ernâni Lopes, historiando a vida da AORN, realçou a ligação profunda que continua a existir entre a Marinha de Guerra e a sua Reserva Naval, mesmo para aqueles que

por ela passaram em período curto das suas vidas.

A presença de tantos neste dia de aniversário da AORN e o trabalho já realizado em apenas quatro anos de existência, prova a marca que cada RN deixou e certamente também recebeu da Marinha.

Uma referência especial e um agradecimento de Ernâni Rodrigues Lopes para os Srs Almirantes e também para o grande número de Oficiais que, com a sua presença, quiseram honrar esta cerimónia, reiterando à AORN o reconhecimento da sua valia, dentro da instituição militar a que pertence.

Nas palavras que proferiu na ocasião e que se transcrevem na íntegra, o *Almirante Nuno Vieira Matias*, Chefe do Estado Maior da Armada, transmitiu de forma perfeita o sentimento existente entre a Marinha de Guerra Portuguesa e a sua Reserva Naval:

“A assinatura do Protocolo que hoje é celebrado, consagrando a utilização de parte do edifício da antiga Fábrica de Cordoaria para instalação da Sede Nacional da Associação dos Oficiais da Reserva Naval, tem para a Marinha, um profundo significado.

Congregando insígnias concidadãos que serviram Portugal, na Marinha, durante um período difícil da nossa História recente, a AORN, por direito próprio, faz parte da família naval que se orgulha de ter contribuído para edificar a Nação que somos.

A sua reiterada afirmação de querer continuar uma ligação à Marinha, testemunha, de forma irrefutável, que valeu a pena passar pelas suas fileiras, vivendo bons ou maus momentos, mas sempre num salutar clima de camaradagem e de entreaajuda que insiste em perdurar.

E representa também, o sentimento de que a Marinha é legítima pertença de todos aqueles que nela deixaram um pouco de si próprios, ao defenderem com determinação e, por vezes com sacrifício pessoal, os interesses do País.

Estes laços, naturalmente estabelecidos entre a Corporação e a AORN e que hoje são reforçados, simbolizam alicerces de cuja solidez depende, em grande parte, o

A assistência escutando a brilhante actuação da soprano Cristina Almeida...



... acompanhada pelo guitarrista Paulo Sousa



Aspecto geral do encontro

sucesso da Marinha. Sucesso no cumprimento das missões que a Nação lhe confia, mas também na sua acção empreendedora de estimular o espírito da maritimidade, que constitui uma base de identidade nacional.

Coube-me o privilégio de assinar este Protocolo, dando rosto a uma Marinha apostada em apoiar, dentro do possível, os marinheiros de coração que lhe dão alma.

Nesta atmosfera naval, em que o peso das tradições e a memória dos navegadores do passado fazem apelo ao sentido da

responsabilidade dos marinheiros da actual geração e reforçam o nosso espírito de corpo, é com a maior satisfação que expresso à AORN, a gratidão da Marinha pela notável iniciativa que se propôs levar a cabo.

Formulo votos sinceros para que a AORN alcance as metas que tem definidas, realizando os seus elevados fins estatutários, conferindo a desejada perenidade ao seu projecto e fazendo crescer a família naval que, conjuntamente, continuará a prestigiar a Marinha de Portugal”.

Contribuindo para o elevado nível da cerimónia, a *soprano Cristina Almeida*, acompanhada pelo *guitarrista Paulo Sousa*, apresentou alguns números de canto lírico, numa actuação de grande brilhantismo, repetindo a presença já verificada em outros encontros da AORN.

Evitando eventuais injustiças por omissão, não fazemos referência individualizada a tantos que, ligados à nossa História, nos honraram com a sua presença neste dia 14 de Julho de 1999.

A todos deixamos o nosso reconhecimento pelo significado do seu testemunho.



Ernâni Rodrigues Lopes em convívio



Pedro Valle Teixeira (19º CFORN), Vasco Quevedo Pessanha (7º CEORN) e António Pessanha (11º CEORN)



Oliveira Brás (23º CEORN), José Pires de Lima (4º CEORN), Herculano Ferreira (18º CEORN), Cte Saturnino Monteiro e o Alm. Espadinha Galo e mulher



A. Oliveira Brás (23º CEORN), C. Guedes de Amorim (20º CEORN), A. Lemos Damião (15º CEORN), Cte A. Beça Gil e A. Rodrigues Maximiano (20º CEORN)

Assinalamos, no entanto, o agradecimento ao Comandante da Fragata D. Fernando II e Glória, **CMG Adriano Beça Gil**, pelo apoio que desde a primeira hora prestou à AORN na organização das cerimónias deste dia, contribuição sem a qual não seria possível

atender eficazmente a todos os pormenores. De referir, pelo seu especial significado, o convite que o Comandante do Navio fez aos Oficiais da Reserva Naval presentes na hora do “Arriar da Bandeira”, cerimónia em que, sob a voz de comando do

Comandante Beça Gil, a AORN esteve representada pelo RN mais antigo no momento, Frederico Blanc de Sousa, do 3º CEORN.



EU E OS CÃES DA ARMADA

Assentei praça na Marinha em 1961.10.06, como cadete fuzileiro da Reserva Naval - 1º Curso de Fuzileiros - Curso Nuno Tristão.

Chamo-me João Marcelino Machado Bravo Queiroz, sou Professor de Educação Física, já o era quando cheguei à Marinha e, vivo e trabalho no Porto.

Naquele tempo os Cadetes da RN de todas as classes faziam o 1º ciclo na Escola Naval, passando pela Escola de Artilharia, Limitação de Avarias e um mês em Vila Franca, para aprender a “comunicar”.

Só depois do Natal de 1961 eu e os meus camaradas de então nos apresentámos na Escola de Fuzileiros.

Desde já digo que tivemos tratamento de “Príncipes”.

Porquê?

Eu e os meus colegas de curso do Instituto Nacional de Educação Física - INEF - - Fonseca e Costa e Melo de Carvalho, conhecíamos os então 1ºs Tenentes Patrício e



Dogue Alemão

Metzner que tinham sido nossos colegas no 1º ano do INEF quando aqueles oficiais lá estiveram a tirar a especialidade de Educação Física. Embora os tratássemos por tu, nunca deixámos de realizar com disciplina e respeito “o que aquelas cabecinhas inventavam para nos torturar”.

Os crosses no lôdo, as idas à Serra da Arrábida, os “trotes” depois do jantar à volta da mata da Escola, para além dos “sustos” nas pistas, com as subidas a um eucalipto como ponto de partida para a

descida em slide. Eram muitos e muitos metros sempre sem pôr os pés no chão.

Lembro com saudade o Comandante da Escola o Cap. Ten. Maxfredo da Costa Campos e ainda o 1º Tenente Santos Patrício e os 2ºs Tenentes Vasconcelos Caeiro, Pascoal Rodrigues e outros cujos nomes a minha memória já não recorda. De todos guardo gratas recordações.

Já vai longo o intróito e não estou a escrever para falar de mim e de tão belos tempos, mas sim para vos dizer algo de CÃES.

Exactamente, de CÃES.

Desde que me conheço, há 63 anos, que em minha casa conheci os cães, a “Fly” e o “Pinóquio” - Terrier - os meus primeiros companheiros. Depois dois Boxer, o “Alcalá”, comprado em Espanha na minha viagem do 7º ano do Liceu, baptizado com sal e vinho em Madrid na avenida de Alcalá e a “Narucha” que comprei, em Lisboa, a um Oficial de Marinha de que não recordo o nome. Por último, dois Doberman - o “Doverak” e a “Gigi” a qual tive de mandar abater, pois sofria de uma grave crise cardíaca que a levaria a uma agonia que eu não teria coragem para presenciar. Foi a minha companheira e da Família nos últimos 11 anos. Um desgosto!

E agora aqui vão seis Pastores Alemães que tive durante uns tempos, naquele que considero a minha segunda casa - a Base Naval do Alfeite e o Centro de Educação Física da Armada, onde fui colocado como Aspirante RN com o meu colega Fonseca e Costa.

Era então Comandante da 6ª Repartição e do CEFA o Comandante António da Costa Pereira, no qual reconhecíamos qualidades de “marinheiro”, mas que sempre nos tratou com amizade e deferência.

Trabalhámos muito pelo CEFA, que praticamente foi organizado por nós.

Trabalhámos todos juntos numa sala da Escola Naval que era o antigo gabinete de Oficial de Serviço.



“Leonberg”

Passámos depois para umas pequenas instalações na Base Naval de Lisboa, junto à rampa que dá acesso à Escola Naval.

E foi na qualidade de oficial - Aspirante e depois promovido a Sub-Tenente - que, na altura, o Comandante da Base Naval de Lisboa me chamou e me disse sem rodeios: “Vai ficar responsável pelo Canil da Base! Fale com os tratadores.”

Fiquei siderado! Gosto e já naquela altura gostava muito de cães mas não percebia nada de treino nem do seu tratamento.

Era na altura Comandante da Base o Almirante Paulo Viana totalmente careca (peço perdão) e que infundia um respeito enorme (alguns tinham um certo “medo”) especialmente o Oficial de Serviço da Base, quando o Almirante resolvia pernoitar no palácio aos fins de semana.

Bom, para além do meu serviço normal no CEFA, lá fui ver os canis, um pequeno espaço, melhor, umas gaiolas. Sujas, uma ração de carne que era só gordura, e os tratadores lá me foram elucidando como faziam os treinos.

Eu percebia alguma coisa de treino, mas para homens. Pensei e disse cá para mim: Como aplicar alguns princípios do treino relacionados com a resistência e a velocidade ao treino dos cães?

E assim, introduzi algumas melhorias.

A higiene e limpeza das gaiolas foram melhoradas. Havia “baldeação do convés” duas vezes por dia. A comida melhorou: uma conversa com o Despenseiro da Messe e tanto bastou para que os cães comessem “à Marinha”.

O treino de obediência e obstáculos continuou conforme os tratadores já faziam, só tendo sido melhorada a postura dos tratadores, dos quais infelizmente já não lembro os nomes.

Quanto ao treino físico, a mata do Alfeite servia às mil maravilhas. Não vou ser fastidioso, mas até “interval training” os cães fizeram.

Um dia, o Almirante Paulo Viana chamou-me e disse: “Inscribi os cães na Exposição Canina Internacional de Lisboa. Trate dos transportes, leve os cães e os tratadores. É já no Sábado e Domingo próximos.”

E lá fomos. Fardas lavadas e passadas dos tratadores, eu de farda azul, cães escovados,



“Alga de Vale do Zebro”

telas limpas... enfim, os preparativos para as grandes ocasiões.

Na FIL, local de Exposição Canina, os cães fizeram um sucesso.

“Olha a Marinha já tem cães!”. “São para ir para o Ultramar?”. “Posso pôr-lhe a mão?”. “Vão embarcar em navios?”. “São dóceis?”. “Atacam?”

E quando desfilámos... muitas palmas, fotografias, e até filmados para as Actualidades Portuguesas - documentário que era sempre exibido antes dos filmes que passavam na altura nos cinemas do país.

Prémios, taças, mas o melhor prémio foi quando me vi no documentário cinematográfico, duas semanas depois, quando fui ver um filme ao S. Jorge.

O Sub-tenente Bravo Queiroz com um cão pela trela e com os cinco tratadores atrás com os seus cães e eu a fazer uma continência cheio de orgulho.

O Almirante Paulo Viana apareceu na FIL, assistiu à entrega dos prémios e veio falar comigo e com os tratadores. Com um sorriso deu-nos os parabéns pelos resultados obtidos e disse: “Vão lá para o Alfeite pois estão nisto há 48 horas!” Era já meia-noite. Eu, com um sorriso e um pouco irreverente, disse: “Muito obrigado, Sr. Almirante, vamos para o Alfeite pois nós já não sabemos “se falamos ou se ladramos”.

“O Sr. Almirante determina mais alguma coisa?”

Tudo acabou com sorrisos.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA AORN

Realizou-se, no passado dia 3 de Julho, a Assembleia Geral Extraordinária da AORN, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

“Apreciar e votar Propostas de Alteração dos artigos 5º, 6º e 7º dos Estatutos da AORN - Associação dos Oficiais da Reserva Naval.”

O tema, já abordado em anteriores encontros da AORN e sobre o qual muitas opiniões e sugestões foram apresentadas, encontrou nesta Assembleia a redacção consensual, permitindo alargar o conceito de sócio a um universo mais de acordo com os interesses da Associação.

A Direcção realizou um estudo sobre a legislação em vigor acerca da prestação do serviço militar na Marinha de Guerra e, face a diversas outras situações de interessados em aderirem à AORN, entendeu por bem dar o seu contributo para uma solução que, em definitivo, viesse trazer novas perspectivas à Associação.

O debate estabelecido permitiu corrigir alguns conceitos, melhorar o articulado e introduzir novas formas às sugestões apresentadas pela Direcção, sendo convicção geral que a redacção, que a seguir se transcreve na íntegra, se apresenta com o texto mais adequado para legalização de novas categorias de sócios da AORN.

Nova Redacção dos artigos 5º, 6º e 7º dos Estatutos da AORN

Artigo Quinto - Dos Associados

Um: A Associação é constituída por **Sócios Originários, Sócios Efectivos, Sócios de Mérito, Sócios Honorários e Sócios Descendentes.**

a) Podem ser Sócios Originários

Todos os que tenham servido como Oficiais da Reserva Naval da Marinha de Guerra Portuguesa, criada pelo Dec. - Lei nº 41399 de 26 de Novembro de 1957.

b) Podem ser Sócios Efectivos

Todos os que, como Oficiais, tenham prestado serviço militar obrigatório na Marinha de Guerra Portuguesa e, tendo ou não passado ao Regime de

Contrato (RC), tenham já passado à situação de disponibilidade ou ingressado no Quadro Permanente (QP) da Marinha de Guerra Portuguesa.

c) Podem ser Sócios de Mérito

Todos os que, como Oficiais, tenham prestado serviço na Marinha de Guerra Portuguesa e, integrando-se no espírito da Reserva Naval e da AORN, por proposta fundamentada de seis sócios Originários, sejam admitidos por deliberação da Assembleia Geral.

d) Podem ser Sócios Honorários

Todas as pessoas, física ou colectivas, que por actos meritórios praticados para com a Reserva Naval ou para com a Associação, mereçam essa distinção.

e) Podem ser sócios Descendentes

Os descendentes de todos os Oficiais referidos nas alíneas **a)** e **b)** do **Artigo Quinto.**

Dois: A qualidade de Sócio Originário e de Sócio Efectivo adquire-se pela inscrição com pagamento da jóia.

Artigo Sexto - Direitos dos Sócios

Um: São direitos dos Sócios Originários e dos Sócios Efectivos:

a) Elegerem e serem eleitos para os órgãos sociais da Associação.

b) Usufruírem das vantagens resultantes da actividade da Associação.

c) Serem assistidos pela Associação e utilizar os serviços nas condições que vierem a ser estabelecidas nos Regulamentos Internos.

d) Reclamar dos actos que considerem lesivos dos direitos da Associação e dos sócios.

e) Serem informados das actividades da Associação, examinarem as contas, os orçamentos, os livros de contabilidade e os livros de actas, nos termos dos Regulamentos Internos.

f) Usar o distintivo da Associação que é pessoal e intransmissível.

Dois: São direitos dos Sócios de Mérito e dos Sócios Honorários:

a) Os consignados nas alíneas **b)**, **c)** e **f)** do número anterior.

b) A isenção de jóia e quota.

Três: São direitos dos Sócios Descendentes:

a) Os consignados nas alíneas **b)**, **c)**, **d)**, **e)** e **f)** do número Um.

b) O valor da jóia e da quota é reduzido a metade.

c) Poderem ser considerados “Descendentes Júniores”, se assim o solicitarem, sendo o limite máximo de idade trinta anos.

d) Poderem requerer à Direcção da Associação a qualidade de sócio Efectivo, desde que decorridos cinco anos como associados e terem, pelo menos, trinta anos de idade.

Artigo Sétimo - Deveres dos Sócios

Um: São deveres dos Sócios Originários e dos Sócios Efectivos:

a) Acatar os preceitos estatutários e os Regulamentos da Associação, bem como as deliberações dos seus órgãos sociais.

b) Participar na vida da Associação contribuindo activamente para a realização dos seus objectivos.

c) Comportar-se com dignidade por forma a honrar e prestigiar a Associação.

d) Exercer os cargos para que forem eleitos.

e) Pagar atempadamente as quotas que forem estabelecidas.

Dois: São deveres dos Sócios de Mérito e dos Sócios Honorários os constantes das alíneas **a)** e **c)** do **número anterior.**

Três: São deveres dos Sócios Descendentes os constantes das alíneas **a)**, **b)**, **c)**, e **e)** do **número Um.**

Quatro: A Direcção, sob proposta de dois Sócios, Originários e/ou Efectivos, poderá dispensar do pagamento total ou parcial da jóia e/ou quotas, os associados que considere não possuírem condições para suportarem o encargo durante o tempo em que tal situação se mantiver.

Cinco: Os Sócios que tenham em atraso o pagamento de seis ou mais quotas, ficarão com os seus direitos suspensos até regularização da situação.

O NÚCLEO DA AORN DOS AÇORES

DIÁRIO DE BORDO

Oficial de Serviço: Carlos Alberto Neves Poças
39º CFORN - 1982 - FZ

Implantado majestosamente no Atlântico Norte, o arquipélago dos Açores, cuja origem vulcânica explica a frequência das crises sísmicas, foi descoberto no século XV por Diogo de Silves, da Casa do Infante D. Henrique. É constituído por nove ilhas, sendo a maior e mais povoada (com 150.000 habitantes) São Miguel, com a sua capital Ponta Delgada.

O clima temperado marítimo e mediterrânico permite-lhe deter uma flora luxuriante, numa mistura colorida de hortênsias e azáleas que retalham os prados verdes, tornando a paisagem de uma beleza rara e invejável aos olhos do mundo.

Nas palavras de **Alfredo Lemos Damião**, o chefe da Missão da AORN do Continente, na sua intervenção na cerimónia de

entronização do Núcleo, *“os Açores são, indubitavelmente, uma prova da intervenção Divina no Acto da Criação - só um Ser Superior e Onnipotente criaria lugar tão belo!”*

Foi nesta ilha que a pequena comitiva da AORN, constituída por cinco elementos, três dos quais acompanhados das mulheres, aterrou para uma fraternal visita e entronização do Núcleo da Associação. Foi a oportunidade para estreitar laços de amizade, partilhar objectivos e envolver, no projecto, outros oficiais de Marinha. Foi a promoção da AORN nas ilhas e o incentivo para a criação de um espaço para a actividade do Núcleo dos Açores.

À paisagem natural, associou-se o calor humano com que fomos acolhidos. Tão

grande, que dissipou as habituais nuvens do céu açoreano, presenteando-nos com um dia de Sol brilhante.

Na manhã do dia 27, a apresentação de cumprimentos ao Comandante da Zona Marítima dos Açores, **Almirante Jaime Montalvão e Silva**, a quem foi oferecida a **Cresta da AORN** e expostos os objectivos da Associação, foi o nosso primeiro acto após o “tocar à faina”.

No “apito”, **Carlos Teixeira da Silva**, um veterano Fuzileiro, comandava o pelotão.

Aliás foi Carlos Teixeira da Silva o responsável pela surpresa de uma oferta de altíssimo nível, um livro documentando os Açores com fotografias de rara beleza.

Foi em ambiente de grande cordialidade e simpatia que este encontro decorreu.



Teixeira da Silva, Lemos Damião, Pereira da Silva, Jorge Teles, Pires de Lima, Carlos Poças, Rodrigues da Silva, Francisco Cordovil e Ricardo Campos



A embaixada de Lisboa, na Lagoa das Sete Cidades



No cenário deslumbrante da Lagoa do Fogo



Alfredo Lemos Damião entregando a Cresta da AORN ao Almirante Jaime Montalvão e Silva.

A oferta da **Cresta** daquele Comando, uma original peça onde o Brasão de Armas se apresenta sobre uma rocha vulcânica, selou a promessa de total colaboração da Marinha de Guerra à AORN nos Açores.

Partimos então à descoberta da ilha de São Miguel, orientados pelo excelente guia **Fernando Reis Araújo**. A nossa admiração cresceu a cada momento, subindo a encosta e deixando para trás os casarios junto do mar.

Ficámos deslumbrados perante a beleza natural das Lagoas formadas no interior das enormes Caldeiras - em particular a Lagoa das Sete Cidades, a Lagoa do Fogo e a Lagoa das Furnas.

A presença das águas minero-medicinais é uma constante, com destaque para o Vale das Furnas, com fontes de águas sulfurosas, bicarbonatadas, carbogaseosas e férreas, de temperatura elevada (34 a 100 °C), como fonte geradora de energia eléctrica e, de cariz mais “doméstico”, para a feitura do famoso “**cozido das furnas**”, com todo o mistério de bruma que rodeia a sua confecção.

À noite, num caloroso e belíssimo jantar, reuniram-se na **Estalagem da Senhora da Rosa**, os elementos do Núcleo dos Açores, a missão da AORN do Continente, o Almirante Jaime Montalvão e Silva, o Chefe do Estado Maior da Zona Marítima, o Comandante e o Oficial Imediato da Corveta “Jacinto Cândido” e muitas senhoras que, acompanhando os maridos, deram ao encontro o brilho que durante o dia o Sol dera ao nosso passeio.

Se durante o dia ficámos pasmados pela paisagem, à noite pasmados ficámos pela simpatia, amizade e veemência das intervenções.

João Bernardo Pacheco Rodrigues, que foi RN do 7º CEORN, em nome do Núcleo, teve a primeira intervenção da noite. Improvisado fácil, sentido e contagiante, que ajudou a criar o ambiente da mais sã camaradagem.

Alfredo Lemos Damião, o vice Presidente da Direcção Nacional da AORN, referiu o papel civilista da Associação, defensora dos ideais que um dia nos juntou, nas mais diversas situações, numa Marinha de Guerra que nos marcou definitivamente e onde, cada um de nós, deixou certamente a sua própria marca.



Nove representantes do Núcleo dos Açores



O Almirante Montalvão e Silva com as senhoras que conferiram ao jantar de confraternização o máximo brilho.

Hoje, na vida civil, continuando a ser os defensores da Instituição que representa a razão de ser de Portugal como país, com o mar como traço de união com todos aqueles que, em todos os continentes, continuam a falar português, somos certamente a única associação que, organizada, olha o futuro com total respeito pelo que foi o nosso passado.

Referiu a extrema simpatia e colaboração que a Marinha, ao mais alto nível da sua hierarquia, dedica à AORN num entendimento perfeito quanto aos nossos objetivos, e com o reconhecimento permanente da valia que esta Associação representa para a Instituição Naval.

O anúncio da assinatura de um protocolo de cedência de instalações no edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria, por parte da Marinha de Guerra, para Sede/Museu da Reserva Naval, e a projecção que os oficiais RN têm dado à Marinha na sociedade civil, muitos deles em posições do maior destaque, foram as últimas palavras de Alfredo Lemos Damião, que brindou à Marinha e a todos os presentes.

Pudémos então constatar que os Almirantes também se comovem.

O **Almirante Jaime Montalvão e Silva**, em resposta a Alfredo Lemos Damião, começou por dizer que, depois do que tinha ouvido e, sobretudo, pela forma como as referências à Marinha foram feitas, não encontrava palavras para retribuir de igual forma.

No entanto, não sendo por acaso que se chega a Almirante, iniciou uma intervenção brilhante que, não sendo fácil de reproduzir, é facilmente entendível e sentida por quantos passaram pela Briosia e usaram a farda do botão de âncora.

José Pires de Lima, o Secretário Geral da AORN, na sua intervenção, fez uma breve referência à experiência adquirida durante sete anos de Marinha, em navios que fazem parte de uma História cheia de acontecimentos, revivendo episódios e lembrando figuras que, ao longo das últimas décadas, ligaram definitivamente a Marinha de Guerra à sua Reserva Naval.

Foi esta introdução pretexto para o início da cerimónia de oferta de vários quadros que irão dar corpo ao Museu do Núcleo RN dos Açores, o primeiro representando o grupo de fundadores deste Núcleo, fardados de Cadetes, o segundo com um



O Comandante da Corveta “Jacinto Cândido” procedendo à entrega da Cresta do navio



Ricardo Campos, médico RN do 11º CFORN, entre dois Asp. RN de 1998 a bordo da “Jacinto Cândido”

louvor concedido ao mesmo grupo e que, em tom “académico/jocosos” premeia o esforço de todos na formação do referido Núcleo e o terceiro, réplica de outro existente no Museu da AORN em Lisboa, com a reprodução da Ordem da Armada em que é concedido o primeiro louvor da nossa História a um Oficial RN, louvor esse concedido em 1960 pelo então Comando Naval dos Açores.

As Senhoras presentes procederam à imposição da **Ordem da Reserva Naval (vulgo PIN)** aos membros do Núcleo, e a todos foi feita a recomendação do seu uso permanente.

Num gesto de agradecimento pela aceitação do convite para estarem presentes no jantar, foi feita oferta da medalha da fundação da AORN ao Almirante Comandante da Zona Marítima, ao seu Chefe de Estado Maior, ao Comandante da Corveta “Jacinto Cândido” e ao seu Oficial Imediato.

Dia 28 foi a alvorada, com o despertar ao toque nas portas dos alojamentos da Messe do Loreto, pelo madrugador **Ricardo Campos**, a que se seguiu igual gesto, pouco tempo decorrido, do **Jorge Teles**, não fosse o caloiro voltar a adormecer.

Cumprindo o ETD determinado pela rapaziada RN, a que o Comando do navio acedeu “disciplinadamente”, embarcamos no N.R.P. “Jacinto Cândido” para uma saída de cerca de duas horas, ao longo da costa sul da Ilha de S. Miguel.

O toque à Faina, o arriar do Jaque, a ordeira e rotineira actividade do largar das amarras, as vozes de comando e o cheiro do navio do Convés à Ponte e das Cobertas à Casa das Máquinas, e também o **mar chão**, adequado à circunstância de muitas Senhoras estarem a bordo, foram momentos que ficarão na memória, grata memória de quem teve a sorte de ser recebido, mais uma vez de forma ímpar, pelo Comandante Vieira Pereira e pela sua Guarnição.

Na Câmara de Oficiais, foram trocados brindes e as tradicionais Crestas entre os visitantes e navio, sendo dado a todos a oportunidade de apreciar os “côcos”, uma especialidade do cozinheiro de bordo.

Uma breve passagem pela **Igreja do Senhor Santo Cristo** culminou esta estada em São Miguel, até porque não fica mal agradecer a **Alguém** o privilégio de nos ter proporcionado esta inesquecível experiência.

Os maiores agradecimentos que se podem fazer a quem nos recebeu desta forma, traduzem-se numa simples frase:

Queremos voltar!

Obrigado!

*Neves Poças
39º CFORN*



Francisco Potes Cordovil (FZ - 22º CFORN), Carlos Teixeira da Silva (FZ - 13º CFORN) e Adelino Rodrigues da Silva (FZ - 18º CFORN)



Adelino Rodrigues da Silva (FZ - 18º CFORN), Alfredo Lemos Damião (TE - 15º CFORN) e João Tavares Carreiro (FZ - 19º CFORN)



NOTÍCIAS

Integrado no **Dia da Marinha**, realizou-se no dia 18 de Maio, um Concerto Comemorativo, que teve lugar na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

A Orquestra Metropolitana de Lisboa e a

Banda da Armada, sob a Direcção dos maestros Miguel Graça Moura e Cap. Ten. Mus. José Araújo Pereira, proporcionaram um espectáculo de alto nível, numa actuação conjunta de mais de 180 músicos, presenciada por uma audiência

que encheu o auditório.

A AORN esteve largamente representada, correspondendo ao convite do Estado Maior da Armada.

No dia 23 de Junho, o Grupo nº1 de Escolas da Armada foi visitado oficialmente por S. Exa. o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. Recebido pelo CEMA, Almirante Vieira Matias, vários Oficiais Gerais e pelo Comandante da Escola, passou revista às forças em parada efectuando uma visita às instalações da Unida

No almoço que se seguiu presentes pela Reserva Naval, como convidados Heitor Sousa Santos (5º CEORN), Manuel Lema Santos (8º CEORN), Almeida Resende (10º CFORN) e Campos Teixeira (11º CFORN).

Na oportunidade, o Comandante da Escola, Cmg Alves Correia manifestou o desejo de ali reunir, num almoço/convívio, os ex-oficiais da Reserva Naval que no seu tempo de permanência na Marinha de Guerra ali tivessem prestado serviço.

A AORN disponibilizou-se de imediato para colaborar e apoiar a iniciativa.

O cerimonial que antecedeu a visita do Presidente da República às instalações do Grupo nº1 de Escolas da Armada



Na mesa em 1º plano, Manuel Lema Santos com os Almirantes Ribeiro Ferreira, Vidal de Abreu, Silva Santos, Celestino da Silva, Reis Rodrigues e Mota e Silva

No dia 3 de Julho, no auditório do ISNG e mais uma vez por especial deferência do seu Director, *Almirante* Carlos de Magalhães Queirós, realizou-se a **Assembleia Geral Extraordinária da AORN**.

Em apreciação, propostas de alteração dos números 5, 6 e 7 dos Estatutos, permitindo a

admissão de sócios em novas categorias e com origem não obrigatória na Reserva Naval.

Com várias intervenções, reflectindo as opiniões que ao longo de vários meses foram sendo discutidas nos encontros da Associação, os sócios deram a sua apro-

vação às alterações que noutra página deste número da Revista se transcrevem.

Fica a certeza de mais condições para levar a bom termo os objectivos da AORN, sem desvirtuar os princípios que lhe deram origem.

Fundação
Luso-Americana
para o Desenvolvimento

Na pesquisa histórica uma presença permanente

ANGOLA 65/67 - IV

Como dizia no artigo anterior, o meu grupo de combate, entre Agosto e Outubro de 1966, esteve no posto do Tridente, no Rio Zaire, junto de Noqui.

A vida era pacata e tranquila e no nosso esquema de rotatividade sabíamos de antemão, de forma muito aproximada, o tempo que iríamos passar em cada um dos postos. Essa situação não era proporcionadora das neuras que assaltavam os nossos colegas de Noqui, como contei da última vez.

Contudo, o cumprimento da nossa missão nos diferentes postos do Zaire, também já descrita no artigo anterior, deixava-nos muito tempo livre que se tornava necessário ocupar. A localização de Tridente não facilitava a existência de um terreiro para jogar à bola estando assim posta de parte uma possível ocupação dos tempos livres da guarnição, que eram muitos.

Entre aulas do 2º ano do Liceu que dava a grumetes e marinheiros, tal como os camaradas que nos precederam e os que nos sucederam, fizemos muitas obras, plantámos bananeiras, hortas; a conservação e reparação dos motores e botes, patrulhas no rio, patrulhas terrestres, escalas de serviços e caçadas nocturnas aos jacarés iam tomando conta do tempo.

Pessoalmente, nos diversos postos do Zaire onde estive, li imenso tanto livros como revistas e jornais que tinha assinado. Através do Monde ia seguindo a guerra no Vietnam e realizava a sorte que muitos de nós em Angola tínhamos de não estarmos num teatro de guerra como aquele.

Mas aqui vai a segunda história curiosa passada no Tridente e em Noqui.

Como referi, Noqui estava na linha de fronteira com o Congo e, como tal, além da guarnição militar e de um administrador havia as autoridades fronteiriças e um posto da PIDE.

Em Angola, os Pides não andavam de chapéu e gabardina, com golas levantadas, como no “Puto”, e aparentavam serem pacatos civis frequentemente confundíveis com qualquer comerciante ou cantineiro.

Uma das áreas em que eles eram peritos era a gestão (como dizemos hoje!) da informação. A sua rede de informadores de ambos os lados da fronteira permitia terem uma noção bastante razoável do que se passava do lado do IN, dos seus movimentos, iniciativas, problemas, dificuldades, etc.

Mas a obtenção da informação não se fazia só com chá e simpatia ou a troca de uns cobres. Fazia-se também por troca de informações. Passava-se para o lado de lá aquilo que se achava ser pouco importante ou não reservado, na expectativa de receber em troca algo de mais sério e substancial.

Com todo esse contacto acabava por se criar um certo à vontade, quase que alguma intimidade. Os turras do lado de lá conheciam bem a nossa PIDE e eles conheciam também razoavelmente alguns deles. Enfim, todos sabemos que a vida é feita de compromissos e importa que o resultado seja positivo.

Um dia, numa das tardes que fui a Noqui beber uma cerveja com os camaradas do exército, o médico da companhia (o DOC!) não apareceu. Estava a dormir. A dormir às 4h da tarde? Sim, estava a dormir e não podia ser acordado. Tinha vivido uma aventura espantosa que terminara nessa manhã e estava a recarregar as baterias.

Dias antes, a altas horas da noite, vindo do Congo, tinham-se apresentado no posto fronteiriço de Noqui 2 carros civis com negros, alguns deles armados.

Queriam falar com o nosso Pide com urgência. Tinha acontecido uma desgraça e só ele poderia, eventualmente, ajudar a resolvê-la.



Vasco Quevedo Pessanha

Que se tinha passado?

Nesse dia, algures longe e a leste de Noqui, os Turras da FNLA tinham caído numa emboscada montada pela nossa tropa (mas não a de Noqui) junto à nossa fronteira com o Congo. Tinha sofrido umas baixas, mas o pior era que na patrulha da FNLA que tinha sofrido a emboscada tinha sido gravemente ferido o 2º comandante da Base de Kinkusu. Ora a base de Kinkusu, para quem não sabe ou já não se lembra, era um dos principais, se não o principal campo militar da FNLA no Congo e servia de apoio logístico aos grupos de guerrilheiros da FNLA que actuavam no Norte de Angola.

Obviamente a base era, por sua vez, apoiada pelo estado congolês.

Ora acontecia que o 2º comandante da base tinha sido gravemente ferido pelos portugueses, encontrava-se em estado grave e recusava-se peremptoriamente quer a ser evacuado para qualquer hospital de Leopoldville (actual Kinshasa), quer a ser assistido por médicos da FNLA ou congolenses. Só admitia ser tratado por médico português e por nenhum outro. Os colegas dele que se desenrascassem e descobrissem um português que fosse lá tratar dele.



Foz do Rio Zaire

Assim na fronteira de Noqui, depois de várias horas de viagem em picada, lá estavam os negros da base de Kinkusu a pedir ao nosso Pide que mandasse o Doc da companhia de Noqui com eles de regresso a Kinkusu para safar o 2º comandante deles que tinha sido ferido por um dos nossos!

Depois de muitas súplicas e muita conversa, o nosso Pide fala com o comandante da companhia que, depois de ponderar a situação, decide acordar o Doc e pôr-lhe o problema: Estaria ele disposto a ir, não se sabia muito bem onde, tentar safar um principal do IN que tinha sido ferido por comandos nossos? As condições eram mais que precárias: garantias de regresso e segurança eram zero. Mas, se o homem fosse safo, talvez tudo naquela região pudesse vir a melhorar. Estaria ele disposto a correr o risco?

O Doc acabou por aceitar o desafio. Arranjou a trouxa, preparou os seus instrumentos e mezinhas e lá partiu, sozinho,

sem escolta nem viaturas, com aquela turma semi-turra e semi-civil para destino desconhecido.

Depois de algumas horas de saltos e safanões lá chegou a Kinkusu. A base militar era grande, razoavelmente organizada e guarnecida, e lá lhe puseram o 2º comandante nas mãos.

Com todas as dificuldades que são fáceis de imaginar, o Doc conseguiu extrair-lhe a bala que estava alojada já não me lembro onde. Tratou o turra e quando estava já relativamente fora de perigo, ao fim de alguns dias, trouxeram-no de volta a Noqui.

Tinha chegado nessa manhã, depois de alguns dias e noites de vigília ao 2º comandante de Kinkusu, completamente exausto e, nessa tarde, estava naturalmente a refazer-se de tudo: do susto, da emoção, do risco que tinha corrido e do cansaço físico e psicológico.

Tinha sido tratado nas palminhas, com considerações e mordomias durante os

dias e noites que tinha durado aquela aventura.

Não o tornei a ver pois, passados poucos dias, o meu grupo de combate largava o Tridente. Também fiquei sem saber como evoluiu a acção militar naquela terra depois deste incidente. Mas certamente para o turra que tinha sido baleado e para o Doc português que o tinha tratado e salvo nas circunstâncias que relatei, muito de importante se tinha passado.

Este caso que descrevi não é único. O que de único tem para mim é ter-se passado perto e nas minhas barbas.

Episódios bizarros deste género passaram-se em Angola repetidamente.

Seriam eles o reflexo deste nosso porreirismo nacional também já assimilado pelos nossos negros de Angola ou será que é normal e corrente as guerras fazerem-se assim?

Vasco Quevedo Pessanha
FZE - 7º CEORN



MISSÃO METANGULA 1999 - PARTE I



Ricardo Campos

Desde há vários anos, germinava no nosso subconsciente o retorno ao Lago Niassa. Poderá mesmo dizer-se que tal ideia, mais do que um anseio nascido após uma ausência de trinta anos, era uma necessidade de dar descanso à saudade que ficara desde o tempo em que, embora num ambiente de missão militar, a nossa actividade se rodeara de um sentido humano que inevitavelmente teria de nos marcar.

Não é fácil a organização de uma viagem destas. Reunir vontades, escolher as datas, estudar percursos, reservar alojamentos e garantir transportes, para além de acertar com as entidades locais os pormenores dos encontros, são tarefas que levam alguns meses a tomar forma.

Podemos dizer que o sucesso da Missão nos fez esquecer as dúvidas e alguma angústia porque passámos, nas semanas que antecederam o dia da partida.

Foi no dia 11 de Maio de 1999.

De Lisboa, a Missão da AORN a Metangula, em Moçambique, partiu com o objectivo de rever um dos locais mais marcantes e emblemáticos da passagem da Reserva Naval pelo continente africano, procurando dar um contributo para uma cooperação e apoio que se deseja e se crê possível, constituindo uma das finalidades expressa nos Estatutos desta Associação.

Alfredo de Lemos Damião, Jorge Vieira Teles e José Pires de Lima, estiveram no

aeroporto a desejar o maior sucesso à Missão que, após nove horas de viagem aterrou em Maputo.

À chegada, tivemos a primeira recepção com as boas vindas do Adido de Defesa da Embaixada de Portugal, o Comandante Fernando Santos Lourenço, uma presença constante e fundamental durante toda a nossa estadia, que de uma forma impecável cumpriu a incumbência recebida do General Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

Realce para a manifestação de interesse na cobertura do acontecimento, quando contactámos a Direcção de Programas e de Informação da RTP Internacional.

Escreveu, a propósito, o Delegado da RTP África em Moçambique, Dr. Fernando Teixeira Gomes - *“É com imenso gosto que a RTP África acompanha esta Missão, no âmbito do serviço público que lhe está confiado e do respeito e estima por tudo e todos que possam unir os povos de Moçambique e Portugal”*.

E o mesmo escreveria mais tarde, quando se despediu da Missão - *“Começou por ser mais um serviço e acabou por ser um prazer enorme, descobrir a sensibilidade do marinheiro português. Ver a saudade espelhada nos olhos de um Ser humano é algo difícil de descrever, mas que nos transmite a verdadeira razão*

porque somos diferentes dos outros Seres que povoam este planeta”.

O repórter de imagem Jacinto Miguel Bai Bai registou todos os passos desta Missão, dando o maior relevo às reportagens transmitidas para Portugal pela RTP África. Foi uma tarefa que muito contribuiu para o sucesso da viagem, que assinalamos e que merece os maiores agradecimentos da nossa parte.

No dia imediato, a viagem prosseguiu de avião, passando por Tete, com destino a Lichinga (ex-Vila Cabral), onde a Missão foi recebida, ainda no aeroporto, pelo Secretário do Governador do Distrito do Niassa.



Comandante Santos Lourenço



Dr. Fernando Teixeira Gomes, Delegado da RTP África



O repórter Jacinto Miguel Bai Bai da RTP África

Breve paragem para preparar a acomodação nesta cidade e nova partida, desta vez com destino a Meponda, primeiro contacto com a região do Lago Niassa, nosso destino principal neste regresso a Moçambique.

Integrou a comitiva o Director Geral dos Transportes do Niassa, em representação do Governador, numa manifestação da valia que esta Missão representou para as entidades moçambicanas.

O percurso reavivou a recordação do tempo passado na zona, por aqueles que, desde há trinta anos, vivem de uma lembrança inesquecível.

Representou também o primeiro contacto com o Lago Niassa, após décadas de profundas alterações no relacionamento secular de Portugal com a África Austral.

Em Meponda, com a beleza do Lago presente, visitámos o aldeamento anexo onde nos esperava a surpresa de uma recepção espontânea, entusiástica e calorosa da população civil.

Embora Meponda se tenha afirmado, durante o conflito político-militar do passado,

como um porto extremamente importante como apoio da Base Naval de Metangula, não era local suficientemente frequentado e de grande conhecimento da generalidade dos marinheiros de então. Talvez seja essa a razão dos vestígios da nossa passagem, no local, não serem agora visíveis.

Foi em Meponda que mais uma vez a natureza nos presenteou com um “Pôr de Sol” de extraordinária beleza, fenómeno que se mantém indiferente às alterações que a civilização e os conflitos imprimem à vida dos povos. Não perdemos a oportunidade de registar esse facto.

Regressados a Lichinga onde pernoitámos, partimos no dia seguinte, por estrada, para Metangula.

Um trajecto de 120 Km, dos quais 100 se encontram asfaltados, num cenário de extraordinária beleza que nos obrigou a frequentes paragens para os inevitáveis registos fotográficos.

Assinalamos a povoação de Maniamba, onde assistimos, em pleno céu aberto, a uma bem organizada consulta médica de



Director Geral dos Transportes do Niassa

Puericultura, de um Hospital que em tempos recuados foi dirigido pelo Exército Português, motivo de reencontro emocionado com um dos elementos do nosso grupo que na época ali prestara serviço de enfermagem, Luís Henrique.

A mais emocionante paragem deu-se no início da acentuada descida para a margem do Lago Niassa, já com o Monte Chifuli à direita, mostrando toda a sua imponência e beleza, sempre lembrado e apreciado por todos.

No horizonte, a Península de Metangula, nosso destino de viagem.

Foi este o local escolhido para uma paragem de reflexão, revivendo o passado e permitindo observar o Lago e Metangula, a partir de uma zona onde a maioria dos elementos da Missão nunca tinha tido a oportunidade de estar.

Como se fosse um postal ilustrado, com um céu azul brilhante, a montanha, os



No aeroporto de Maputo antes da partida para Lichinga



No avião, de Maputo para Lichinga



Joaquim Ascensão distribuindo brindes às crianças



Luis Henrique não esconde a emoção em Maniamba

campos verdes e o Lago de águas serenas, era este o cenário que nos aguardava, parecendo que a própria natureza nos queria dar as boas vindas.

Junto da Placa Toponímica indicativa de Metangula, fizemos questão de fixar o momento da chegada, sem imaginarmos ainda os momentos de emoção que nos estavam reservados.

Deixo para a próxima crónica a **“Recepção em Metangula”**.

*Ricardo Campos
11º CFORN (SN)*



Na Pousada de Lichinga



No Mercado de Lichinga



Hospital de Maniamba



Luis Henrique e Ricardo Campos na consulta de Puericultura em Maniamba



O cenário que nos aguardava à chegada a Metangula.

Consulta de Puericultura



A SAÚDE EM PORTUGAL 1998

A formulação clássica da situação sanitária e assistencial de um país tem evoluído muito nos últimos decénios. Depois de três décadas dominados pelo primado do “sanitarismo” da defesa da Saúde Pública, como garantia da qualidade de vida perante o risco da epidemias ou das endemias, surgiram novas ameaças tais como a destruição dos santuários florestais ou rurais, o urbanismo selvagem das megametrópoles, os riscos da motorização e o caos rodoviário. Estes factos, entre outros, alteraram substancialmente a formulação habitual da Organização Mundial de Saúde.

Podemos dizer que, na Europa de hoje, o conceito de saúde se encontra muito ligado ao bem estar e mesmo à cultura. Os índices de vida vão a par dos indicadores de saúde - veja-se entre nós a correlação entre declínio da mortalidade infantil com a subida do ordenado médio das famílias portuguesas e o declínio da natalidade.

Os meios de comunicação e o crescimento da sociedade civil possibilitam a grandes massas o acesso à praia e lazer e, de uma maneira geral, a diminuição de horas de trabalho e o fim de uma mecanização industrial mutilante para o homem, como era apresentado no pós-guerra. A informática, o aumento de licenciados a par de acções da Cruz Vermelha ou de outra ONG, tornaram o indivíduo consciente do dever e da possibilidade de também, no campo da saúde, se precaver e ser mais responsável; e os seguros de saúde ou a Medicina de empresa vieram dar novas formas importantes no combate à doença.

Por outro lado, aumentou em mais de um decénio a duração média da vida; daí que o recurso aos cuidados de saúde que se acentua especialmente na 3ª e 4ª idades criasse um multiplicar de despesas médicas, que a rede hospitalar se visse submergida por uma legião de doentes crónicos recorrentes, particularmente dos diabéticos ou dos respiratórios com as complicações frequentes nos meses de inverno ou nas estações mais agrestes. Por outro lado, a cirurgia plástica, o recurso

em grande escala à traumatologia devido aos acidentes de automóvel, e o impressionante crescimento dos acidentes vasculares cerebrais “desequilibraram” o nosso sistema hospitalar e, mesmo num período de relativo declínio populacional, assistimos ao crescimento desmesurado das chamadas Urgências hospitalares.

O lançamento, após o 25 de Abril, de um sector dito dos cuidados ambulatoriais, de forte raiz estatal - os Centros de Saúde não se mostraram consentâneos com a maneira de ser da nossa população - foi em parte inviabilizado por certo atavismo às “fichas” e às consultas planeadas à distância. Os médicos de família, o centrar dos cuidados assistenciais no clínico geral que não teve, apesar do lançamento de uma carreira inovadora, acompanhamento ou formas de instalação atractivas e eficientes, explica o baixo nível de produtividade dos Centros de Saúde em geral. Mesmo em Lisboa, na grande maioria dos casos, estão instalados em vulgares andares de edifícios muitas vezes velhos, com escadas ou acessos difíceis a crianças e a deficientes. A aposta na Clínica Geral levou ao afastamento da Pediatria e das especialidades na rede ambulatoria e empurrou para os hospitais, que para tal não foram planeados mas tão somente para os doentes com necessidades de internamento, um enorme universo de consultas com a desorganização subquente. Os hospitais cresceram e bem na região suburbana e nas capitais de distrito, mas não o suficiente em escolas de enfermagem ou em incentivos para a deslocação de técnicos nos locais onde o acesso é muito difícil; importantes investimentos no chamado interior não estão rentabilizados. Também não é possível, num país de livres tradições, impôr medidas de carácter administrativo sem o apoio e a compreensão dos sindicatos ou das estruturas representativas do sector, o que torna a acção do Ministério da Saúde ineficaz. Por outro lado, nos últimos anos, o Ministério da Saúde, com a acção dos chamados “ARS” (que englobam quer os centros de



Luciano Ravara (6º CEORN)

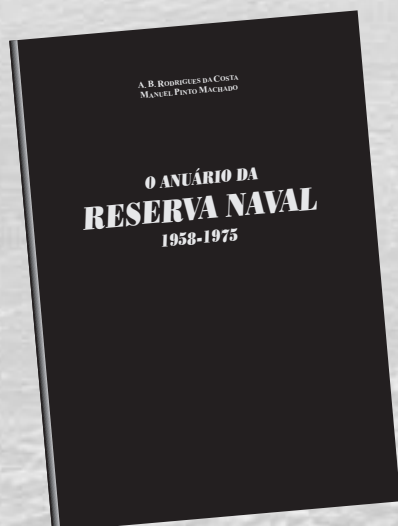
saúde quer os hospitais e a criação das sub-unidades de saúde e as agências de acompanhamento) dilui a responsabilidade de decisão quer nos centros de saúde quer nos hospitais, sem ter técnicos ou administradores formados para tais acções, copiando muitas experiências francesas (o plano Jupé) sem que haja discussão ou adaptação prévia dos nossos responsáveis de saúde. Quer se queira ou não, são os médicos e enfermeiras chefes que labutam diariamente nos hospitais centrais há muitos anos e hoje se sentem perdidos e tentados a reformarem-se precocemente.

Tudo isto são, quanto a nós, factores negativos que se opõem à melhoria natural resultante quer das novas tecnologias introduzidas no sistema hospitalar, quer dos recursos assistenciais já atrás referidos que são benéficos para a saúde. O Ministério da Saúde tem uma responsabilidade importante neste relativo sucesso assistencial que não acompanha nem se coaduna com o crescimento económico e empresarial do País, por não ser capaz de atrair para o seu núcleo central profissionais de reconhecido valor; em muitos casos, as chamadas ARS estão entregues a elementos relativamente desconhecidos ou inexperientes da gestão hospitalar o que é, em todos os países europeus modernos, uma das apostas mais sedutoras mas mais difíceis de ganhar.

Bazar da AORN



“Pin” da AORN
em prata
Esc.: 850\$00



Anuário da Reserva Naval
Esc.: 2.000\$00



Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1996
Esc.: 2.500\$00



Medalha comemorativa
do dia da Marinha 1997
Esc.: 2.500\$00



Cresta da AORN
Esc.: 3.000\$00

Medalha da fundação da
Associação dos Oficiais da Reserva Naval
Esc.: 3.000\$00



Vinho engarrafado
especialmente
para a AORN
1 garrafa
Esc.: 1.000\$00



Serigrafia comemorativa da fundação da AORN
Esc.: 20.000\$00



Reencontro em **M**oçambique

